

As qualidades morais dos que fizeram as deportações

As desumanas e ilegais deportações dos chamados homens da «Legião Vermelha» foram feitas pela polícia. Esta corporação atribuiu-se o poder e o direito não só de prender, que já tinha, como o de julgar, condenar, deportar e matar.

Em qualquer país, onde os governos e os parlamentos, embora retintamente burgueses, tivessem respeito, já não diremos pela lei, mas por si próprios, tal anomalia não teria viabilidade de produzir-se. Não assistiríamos ao espectáculo estúpido de governo e parlamento se curvarem medrosos ante a violência e arbitrariedade policiais, não veríamos essas entidades supremas da democracia — o poder legislativo e o poder executivo — sancionarem o crime e a ilegalidade.

As deportações foram geradas nos corredores escuros e tenebrosos do governo civil, por homens cuja moral deixa muito a desejar. Por detrás das deportações, há um plano tenebroso, asqueroso, no qual os governos colaboraram conscienciosamente ou inconscientemente.

A moral de certos componentes da polícia é sobejamente conhecida, principalmente a de alguns agentes que mais influíram nas deportações. Os crimes que são atribuídos a alguns homens da chamada «Legião Vermelha» tiveram colaboradores na própria polícia.

Se um dia toda essa história vergonhosa se deslindasse, e o governo quisesse manter o estranho critério das deportações sem julgamento, mais justamente seria aplicada essa condenação infame a alguns agentes, quasi todos cadastrados, do que à maioria dos deportados.

De resto não há ninguém em Lisboa que não saiba que aquela corporação, encarregada de manter a ordem e velar pela moralidade pública, é em grande parte composta por autênticos bandidos, desordeiros e imorais. Foi com esta autoridade moral que a polícia se permitiu deportar, sem julgamento, criaturas cujos delitos, se os praticaram, não foram medidos em toda a sua responsabilidade.

De resto é a própria polícia que se desmascara. Leia-se esta ordem do corpo de polícia distribuída uma noite destas:

Que tendo reunido o Conselho Disciplinar resolveu por unanimidade que fossem expulsos da corporação os guardas n.ºs 1016 Joaquim Catarro e 2194 Armando José da Silva Fortuna, ambos da esquadra do Caminho Novo, por terem, de cumplicidade com outro indivíduo há pouco expulso da polícia, assaltado na noite de 14 do corrente, cerca das 22 horas, na estrada de Sacavém, João Cesário, que por ali seguia guiando uma camioneta, ordenando-lhe, de pistola em punho, que parasse, o que assim fez o queixoso a quem depois exigiram sob ameaça de morte a quantia de 1.500 escudos, tendo a vítima feito a entrega de 1.200 escudos que possuía e que os assaltantes distribuíram depois entre si.

Os criminosos que trajavam civilmente quando cometeram o delito, devem desde já ser postos à disposição do director da Polícia de Investigação Criminal com o respectivo processo do qual ficará cópia na secretaria do comando.

Que tal a qualidade dos bichos, hein? Admira-nos que não tivessem atribuído este vergonhoso assalto à «Legião Vermelha»... E' esta gente que vela pelas vidas dos cidadãos. Os «legionários» policiais foram presos e provavelmente vão ser deportados...

Gente deste calibre moral faz deportações. E o governo e o parlamento que sabem que essas deportações, além de representarem um crime hediondo, foram ordenadas por gente sem cotação moral, rebaixam-se até à lama das conveniências políticas, nela se esgojando como burros satisfeitos — e passam à ordem do dia que é constituída pelas manobras a favor da alta finança.

Está certo.

Contra o fascismo

Uma sessão de propaganda em Faro

FARO, 31.—Pela U. S. O. desta cidade foi feito convite aos operários e povo liberal para assistirem a uma conferência anti-fascista a realizar pelo sr. Manuel Caetano de Sousa. Porém, como o conferente não pôde comparecer à hora marcada, a comissão organizadora tomou a iniciativa de realizar uma sessão pública, que esteve largamente concorrida.

João H. Matias explica o fim da sessão pedindo à assistência que tome bem sentido as considerações que os oradores fizeram, os quais demonstrarão com clareza os horrores do regime fascista italiano que um grupo de políticos corruptos e venais pretende à viva força transportar para Portugal.

Em seguida Costa Vaz, depois de explicar o que tem sido a obra do fascismo em Itália, incita todos os homens livres a preverem-se das arremetidas dos indivíduos que constituem a Cruzada Nuno Álvares, que pretendem aniquilar de vez as poucas liberdades que o povo usufrui.

Contra-rios Júnior, que se declara radical, diz estar convencido que o seu partido não deixará de combater qualquer ditadura com carácter reaccionário que se pretenda estabelecer em Portugal, mas, no entanto, desde já declara que prestará o seu concurso àqueles que antipadidamente começam a combater o mal que parece aproximar-se. Analisa detalhadamente o que tem sido a obra da república e, para provar que a reacção é quem manda em Portugal, faz o confronto entre a revolução de 18 de abril de 1925 e a de 2 de fevereiro do corrente ano. Aos que tomaram parte na primeira abreviou-se-lhes o julgamento e depois de na Sala do Risco se terem bolsado as maiores ofensas à república foram postos em liberdade, e aos segundos, que eram reconhecidos republicanos, deportaram-se imediatamente para as ilhas sem o menor respeito pela Constituição. Em face de tal monstruosidade praticada por um governo sem escrúpulos, não repugna acreditar que o mesmo facilite a pretensão dos aventureiros que desejam banir a Liberdade. Termina por saudar o povo trabalhador, levantando um viva à classe operária que foi muito correspondido.

Manuel Silva aponta as manobras dos políticos sem escrúpulos que têm causado a miséria que actualmente se atravessa e que não satisfeitos com isto ainda querem esmagar todos os que têm tido a mínima culpa na ruína do país. Termina por aconselhar os presentes a acorrer às sessões e conferências que vão ser realizadas pela U. S. O., demonstrando assim que não estão dispostos a consentir uma tirania pior do que a do partido democrático.

José H. Matias, antes de encerrar a sessão, agradece à assistência a correção com que se portou e aconselha o povo a preparar-se para a luta. Em seguida foi aprovada a seguinte moção, tendo sido levantadas as vivas à Liberdade:

«O povo liberal e operário de Faro, reunido em sessão pública, resolve: 1.º afirmar

Notas & Comentários

Ecos da sociedade

O dr. Afonso Costa encontra-se em Lisboa. Não há mesmo mal que lhe chegue. E' rijo como as casas. Aproveitamos o ensejo para fazer alguns desmentidos. O illustre advogado não vem, desta vez, tratar dos negócios do Banco Ultramarino, nem da questão dos Fósforos, nem dos Tabacos. Vem sentar-se no banco dos reus para responder pela célebre burla dos 50 milhões de dólares, que vai ser julgada por estes dias...

Orações por senhas...

Uma pessoa que nós conhecemos recebeu um bilhete postal que lhe dizia nada de novo. Continha em má letra e com muitos erros de ortografia uma oração, e participava-lhe que se enviasse durante uma semana de nove dias a mesma oração a nove pessoas, sentiria no último dia uma grande alegria. Este processo de enviar orações tem sido usado com grande êxito por alguns comerciantes na venda de senhas de botas...

Basta de comédias

As investigações do caso Angola e Metrópole seguem agora um caminho subterrâneo. Não podem mesmo seguir outro caminho. A luz do sol incomodaria a vista dos investigadores. E se eles estão cegos, mais cegos ficariam. As investigações do caso Angola e Metrópole já não são coisa alguma digna de menção. Podemos chamar-lhe um conto do vigário em vinte volumes. E' tempo de se dizer ao sr. Alves Ferreira, que tendo-se metido em cavalarias altas deu um grande tranbalo: —Homem, basta de comédias! Sim, basta de comédias.

Já não há ninguém neste país que acredite na eficácia das investigações do conselho Alves Ferreira. O povo já conhece, como os seus dedos, os homens que figuram na grande farsa do Angola e Metrópole-Banco de Portugal. Basta de comédias.

A carteira do jornalista

A Direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes comunicou ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa, em termos de muita gentileza, que resolvera conceder entrada franca na sua exposição anual, que hoje se inaugura, aos sócios do mesmo Sindicato mediante a apresentação do respectivo cartão de identidade.

a sua disposição de lutar contra o regime fascista que se pretende implantar; 2.º protestar contra as deportações levadas a efeito pelo partido democrático; 3.º saudar todos os organismos que comparticipem nos movimentos de agitação anti-fascista.

A sessão foi encerrada por entre calorosas vivas à liberdade.

—Na Associação de Classe dos Rurais de Machado, em reunião de assembleia geral, foi aprovada uma moção de protesto contra a tentativa do fascismo que se desenha em Portugal

A BATALHA

O MAIS GRAVE E IMPORTANTE PROBLEMA DA PROVÍNCIA DE S. TOMÉ

Uma produção agrícola de 100 mil contos ameaçada pela crise de mão de obra indígena

(Do nosso enviado especial)

Depois das minhas impressões sobre paisagem e pitoresco da ilha de São Tomé, o que primeiro cuidei de anotar, com exactidão, foram os aspectos e consequências das principais questões económicas que interessam a esta colónia. E, pelo que vi e ouvi, consultando opiniões de todos os matizes, posso asseverar que São Tomé tem um gravíssimo problema a resolver: a crise de mão de obra indígena, cuja solução já tarda; qualquer coisa que põe em sobressalto a população, que ameaça e põe em risco o presente e o futuro da província e a sua produção agrícola calculada em cerca de 100 mil contos.

Mas, se assim é, porque se não resolve o problema conciliando os interesses do trabalhador indígena com os da agricultura da província? Não se resolve, porque o sistema dos nossos governos consiste, sempre, em adiar, agravando, mais, os problemas difíceis, só prestando ouvidos ao estrodo das derrocadas.

Assim sucede com o caso da mão de obra indígena, como vem sucedendo com a enervante falta de transferências que perturba especialmente a vida do pequeno comerciante e do colono pobre, como sucede ainda com tantas questões de palpante interesse — no número das quais também avulta a de protecção e assistência ao emigrante português — e que há tempo se debatem sem prática solução.

Fala-se muito em Portugal do perigo estrangeiro nas colónias. Tenho corrido as mais importantes regiões de toda a África e, efectivamente, alguma coisa tenho observado de certa possível perigo que, por agora, reveste o aspecto das aspirações vagas e de habéis infiltrações, mas que no futuro poderá levar o caminho das absorções violentas.

Afirmo, porém, resolutamente, que um dos maiores perigos que em África tenho verificado é a forma como os seus mais graves problemas são encarados pela maioria dos governos metropolitanos — umas vezes nutrido a maior ignorância por esses mesmos assuntos; outras vezes, desatendendo conselhos sensatos; outras vezes, ainda, retardando recursos, isolando o esforço simpático das autoridades estudiosas que, casualmente, aqui vêm parar.

Lactam-se alguns políticos, em discursos e escritos flamantes, de «capacidade colonizadora», como se tal capacidade fosse obra sua. Ora, capacidade colonizadora dos que em África, desinteressadamente, deram-lhe o seu sangue e o seu suor, queimaram e queimam, heroicamente, a sua vida, uns presos a modestíssimos haveres, outros amarrados à sua carreira e profissão, outros, ainda, numa abstracção sentimental, fazendo da terra africana a sua pátria e a dos seus filhos — essa sim, essa capacidade colonizadora dos desamparados e esquecidos é admirável, quasi única, tão simpática como antipática a dos governos que só têm tempo para as manobras e intrigas políticas.

Mas, a capacidade colonial contemporânea do maior número dos improvisados estadistas, é muito melhor que não falem nela.

Chefes políticos que nunca vieram às colónias e não estudaram problemas coloniais; ministros que apenas demoram efémeros dias no ministério das Colónias, colhidos por todas as espécies de crises políticas; estadistas que não atendem as gravíssimas consequências da incompetência e da incontinuidade — tudo isto me parecem motivos para um perigo mais imediato, mais iminente do que o perigo estrangeiro.

E até se me figura que uma administração sensata nas colónias seria o único direito, mesmo suficiente barragem a opor à insuportável e grosseira ambição estrangeira.

Vieram todas estas considerações a propósito do problema da mão de obra indígena de São Tomé. Pois posso afirmar ao leitor que são absolutamente cabidas e oportunas tais considerações. Não só em São Tomé, como em toda a África, não existe hoje maior problema do que o da mão de obra indígena. Ele é a base das outras grandes questões, e ao seu redor giram todos os problemas de fomento e de desenvolvimento da produção colonial. Ele tem, relativamente aos interesses africanos — já consideravelmente ligados aos interesses europeus — a mesma importância que a mão de obra europeia representa nos grandes centros europeus, com a agravante de em África quasi não existir o concurso mecânico, locomovel e fabril.

Particularmente, pelo que respeita a São Tomé, o problema atinge uma fase aguda, como passaremos a demonstrar: Compõe-se esta província das ilhas de São Tomé e do Príncipe e do Sarame português, pequeno território engastado na costa do Dahomé, onde Portugal possui o velho fortim de São João Baptista de Ajuda — uma afirmação platónica da nossa soberania, que custa uns 50 contos por ano e recorda a esplendidez blague acerca da ocupação portuguesa nessa região, sem o menor sentido económico. Tais territórios somados dão a esta colónia ultramarina a área total de 971 quilómetros quadrados — ou sejam, arredondando números, menos 3.000 quilómetros do que Cabo Verde, menos 35.000 quilómetros do que a Guiné; menos 1.254.800 quilómetros do que Angola; e menos 759.000 quilómetros quadrados do que Moçambique.

Pois a pesar da minúscula área da província de S. Tomé e Príncipe e da colossal desproporção da sua área territorial em relação às outras províncias — a pesar da sua população de pouco mais de 50.000 indivíduos (nativos e contratados) também muito inferior à das outras colónias — S. Tomé, até certa altura, conseguiu manter um movimento comercial superior ao das outras províncias, e ainda hoje é das poucas colónias que acusa importante saldo favorável na sua balança comercial.

Se tomarmos o ano de 1919 para exemplificação, data em que a moeda colonial não atingira a sua desvalorização actual,

encontramos S. Tomé e Príncipe já com o movimento comercial de 26.000 contos. As outras colónias, no referido ano, registaram o seguinte movimento: Cabo Verde, 9.244 contos; Guiné, 4.933 contos; Angola, 22.000 contos; e Moçambique, 32.000. De todos estes números ressalta a situação progressiva de S. Tomé, que, a pesar das dificuldades de mão de obra e epidemias, consegue sustentar a sua posição, tendo obtido ainda em 1924 uma produção agrícola muito aproximada a 100 mil contos.

Porém toda esta prosperidade ameaça derrocada, caminhando-se para uma crise que alarma todas as classes e coloca em risco o futuro da província. Nos últimos quatro anos a mão de obra começou a rarear, impedindo o desenvolvimento da agricultura e tolhendo todas as actividades que giram ao redor desta; o cacau de São Tomé, que depois do Brasil, era a primeira produção do mundo, começou a descer em quantidade nas últimas estatísticas de produção mundial, marcando já a sua queda vertiginosa um sexto ou oitavo lugar.

A continuar assim, será inevitável e completa desorganização da colónia mais florescente, ruína que irá atingir, especialmente, os mais pobres — porque os mais ricos encontrarão nos lucros realizados uma compensação.

— Mas — perguntará o leitor — qual a razão porque nos últimos tempos se acentua esta crise — sendo a sua população actual a mesma doutros anos florescentes?

O principal motivo está no facto de São Tomé nunca ter disposto uma massa trabalhadora própria sua.

A sua riqueza agrícola, iniciada com a intensiva cultura do café e cacau, há pouco mais de meio século, foi realizada à custa da mão de obra indígena importada de Cabo Verde, Angola e Moçambique. Da sua população de 50.000 indivíduos, pelo menos 30.000, uns compelidos, outros voluntários, eram recrutados naquelas colónias, os restantes 20.000 são filhos de São Tomé, mas se destes excluímos os velhos, as mulheres e crianças, ficaram, quando muito, uns 4.000 homens aptos para o trabalho, dos quais só uma minoria se dedica aos trabalhos agrícolas — porque os santomenses preferem dedicar-se às funções de escritório, do comércio, e, especialmente, ao emprego público. Deste modo, a província de São Tomé viveu sempre dependente e à mercê da mão de obra estrangeira.

Noutros tempos, todos sabemos como e porque era barato e fácil conseguir a importação da mão de obra indígena. Mas como o mundo marcha, embora vagarosamente, hoje os tempos são outros e com um sentido social e económico que governantes e governados não devem ignorar, no seu próprio interesse, para não deixarem surpreender e esmagar pelos acontecimentos.

Por um lado temos a considerar que nos centros principais de Moçambique e Angola a mão de obra indígena se valorizou consideravelmente devido à elevação do custo da vida, ao desenvolvimento urbano, ao alargamento do comércio, às necessidades da agricultura e, principalmente, à laboração das empresas ferroviárias e mineiras.

De facto, a Província de Moçambique tinha dívidas. Apuradas as contas finda a gerência do dr. Brito Camacho, aquela colónia estava devendo cerca de 900.000, com a agravante de se terem atrasado os pagamentos ao funcionalismo e de ter cessado o crédito do governo na praça de Lourenço Marques nos meses em que à frente da administração esteve com encarregado o engenheiro Teodoro de Macedo; mas, nomeado um governador em princípios de Setembro de 1923, o crédito na praça restabeleceu-se, o pagamento dos vencimentos aos serventários do Estado começou a fazer-se em dia (desde 1 de Outubro) sem que para isso o governador tivesse de recorrer aos favores do Banco Emissor ou de qualquer outro.

Azevedo Coutinho, porém, na sua triste faina de mentir, porque esse ex-governador, em Conselho Executivo, activamente se pronunciou contra a monstruosa reorganização que tendia a esmagar a classe ferroviária em proveito de algumas dúzias de apagnados, contra esse homem público despejou no ministério das Colónias um volumoso balde de veneno, atribuindo-lhe maledicências que ele não praticou, dívidas que ele não fez, no intuito de demonstrar que as suas dificuldades eram o peso duma herança.

Nada mais falso. Vitor Hugo, quando tomou conta do governo, em 15 de novembro de 1924, encontrou nos cofres o seguinte numerário: Esc. 12.144.000.000 e Libs. 90.980, sem falar nas quantias existentes nas circunscrições, provenientes da cobrança do imposto de palhotas, nem nos fundos permanentes das unidades militares e chefes e directores de serviços.

Também encontrou dívidas? Sem dúvida. O seu antecessor, dr. Moreira da Fonseca, em 14 meses de governo, elogiosamente celebrado por Freire de Andrade, não pôde saldar todas as dívidas que encontrou, valendo-se apenas de recursos provinciais; mas encontrando no Banco Ultramarino uma dívida de 25.000 contos e de 150.000, e reduzindo a 7.000 a 1.ª e a 100.000 a 2.ª, encontrando uma dívida brutal à C. N. de Navegação, reduziu-a a 30.000 Libs.; tendo recebido a herança de numerosas dívidas na praça de Lourenço Marques, saiu-las as quasi todas.

Fez alguma dívida nova? Não. Pelo contrário, pensou em reconstruir, aumentando extraordinariamente as receitas da Colónia, não só remodelando o imposto indígena, como remodelando a contribuição comercial e obtendo que a Câmara de Minas do Transval passasse a pagar por cada indígena português ali entrado 20 «shillings», em vez de 13.

E no capítulo despesas? Foram reduzidos numerosos quadros, e só nisso a economia foi de cerca de 100.000 Libs.

Os benefícios desses 14 meses de administração reparadora e louvada por um técnico, está-os recolhendo agora esse nojento Azevedo Coutinho, que, mentiroso e empavonado, chama a si a glória daquilo que por outro foi feito, e ainda por cima torna os outros responsáveis pelos erros e esbanjamentos que só ele tem cometido.

Onde, porém, mais claramente se vê a duplicidade de Azevedo Coutinho nas mentiras que para o ministério das Colónias tem mandado sobre administração, é no seguinte:

Pelo encarregado do governo, deixado em Moçambique pelo dr. Brito Camacho, foi nomeada uma comissão encarregada de dar parecer sobre os materiais a adquirir, em Londres, pelo crédito de 3 milhões de esterlinas. Elaborado o relatório dessa comissão, foi este remetido para o ministério das Colónias ainda no tempo do mesmo encarregado do governo.

O governador que se seguiu e que assumiu as suas funções em 12 de Setembro de 1923, não teve conhecimento de tal assunto até 28 de Fevereiro de 1924. Nesse dia, porém, recebeu do ministério das Colónias um telegrama com o n.º 230, em que Azevedo Coutinho comunicava que o Conselho de Ministros, — sob sua proposta, — tinha sancionado o aproveitamento do crédito dos 3 milhões, na importância total de cerca de 3.000.000, recomendando-se no mesmo telegrama ao governador dr. Moreira da Fonseca, que inserisse no orçamento a verba correspondente a 15 %, devendo o pagamento total efectuar-se até 1927.

E agora?

Agora, Azevedo Coutinho, obrigado a pagar as dívidas que contraíu, mente para o ministério atribuindo-as ao seu antecessor, sem se lembrar que no mesmo ministério

entre as falsidades que Azevedo Coutinho tem despejado no ministério das colónias, avulta a da sua faina em pagar dívidas

— estas últimas estabelecendo uma concorrência esmagadora devido às vantagens, pelo menos aparentes, que oferecem ao trabalhador indígena; por outro lado houve que criar uma legislação de protecção ao indígena que, não sendo a oitava maravilha, já lhe facilita certas regalias, inclusive a de não fazer nada, abalando para as delícias do sertão; e tudo isto val agravar a situação da província de São Tomé que não consegue mão de obra, mesmo cara e onerada com o gravame dos transportes, ao mesmo tempo que, compelida pela Lei, tem de deixar sair os trabalhadores que possui, por mais que os interessados se defendam retardando a repatriação.

Quando, num futuro próximo, se der a inevitável repatriação do último militar de trabalhadores, se não aparecer uma rápida fórmula equitativa, será a ruína total.

Que fazer então?

Ninguém julga possível ou estável uma regressão aos velhos tempos, contra todos os princípios humanos; nem há pessoas sensatas que se mostrem dispostas a aceitar um abusivo sistema de trabalho contrário às leis e que mal colocaria os que o aproveitasse facilmente. Mas também todos se mostram de acordo nos seus justos protestos e queixumes contra a desorientação e imprevidência que pode arruinar a mais rica colónia portuguesa.

Que fazer então?

Acertada teria sido a resolução de fixar na ilha o indígena estrangeiro, acarinhando-o dando-lhe terras, para que ele, com a companhia, fizessem família, que alastrasse em populações aldeias, dando-lhe educação e assistência para que ele, conscientemente, também partilhasse e soubesse fazer uso da riqueza que germina no ventre da terra; e não seria violenta ou capciosa essa captação de indígenas, antes representaria um acto inteligente e humano, desde que os fizessem deslocar de regiões mortíferas onde pulula a mosca do sono, regiões que ainda existem no norte de Angola. Essa criação de aldeias indígenas, com a adopção dum regime de trabalho quanto possível parecido ao da Costa de Duro — onde o indígena é o agricultor e o europeu apenas comerciante — talvez fosse uma solução, até a que melhor suportaria a concorrência de produção e preço do cacau inglês.

Mas eu creio tal solução inteligente de mais... para os nossos hábitos — e talvez seja muito tarde para a realizar.

Também me parece pouco provável a ideia da importação de mão de obra de Fernando Pó, pela massa que representaria uma constante fiscalização espanhola, e até pelas possíveis contingências e exigências derivadas da flutuação cambial — a pesar de ter encontrado esse alvitre defendido com muita inteligência pelo dr. Correia Afonso, distinto e estudioso colonial.

De modo que aos interessados restam as formas simplistas, embora de problemática duração, que os continuaram a colocar na dependência da mão de obra alheia, sujeitos aos embates dum problema que já é e virá a ser o mais complexo e grave da vida colonial africana. Indispensável será remodelar o sistema dos contratos de trabalho, consignando-lhes embora maior duração, mas um pontual e rigoroso cumprimento

Angola, 1926.

Juliano QUINTINHA

A OBRA DUM ALTO COMISSARIO

A greve de Lourenço Marques já acarretou um prejuízo de 300.000 libras

Azevedo Coutinho, tendo conhecimento da tormenta que se encastela, por cá, contra ele, — afanosamente tem informado o Ministério, nos últimos dias, da normalização dos serviços do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques.

Tudo falsidade. E' preciso não conhecer a complexidade de tais serviços, para dar o mínimo crédito a um governante como o actual Alto Comissário de Moçambique que, através de 16 meses de exercício em tão elevadas funções, se revelou a mais completa nulidade, o espírito mais tacanho e mais despótico.

O Ministério já sabe, por afirmações anteriores, que Azevedo Coutinho falta sempre à verdade.

Pode ele, apoiado por um governo que descarta os mais legítimos interesses públicos, e valendo-se da força brutal das armas, — esmagar o movimento operário de Lourenço Marques, uma vez que aqueles heróis do trabalho firmemente assentaram levar o movimento até ao fim, o que, porém, não é possível — é normalizar os serviços do porto e C. F. L. M., dentro de um ou dois anos, a não ser com o antigo pessoal.

Sabe-se que o antigo pessoal está disperso. Parte deportado em Lisboa, parte deportado na ilha de Moçambique, parte encarcerados, parte fugidos pelo interior; e como há aí três engenheiros que já serviram no porto e C. F. L. M., ouça-os o ministério, que eles lhe dirão ser Azevedo Coutinho um incompetente, um mentiroso sem escrúpulos.

Esses engenheiros são Lopes Galvão, Lisboa de Lima e Sá Carneiro; mas se o ministério quiser 'mais completas informações sobre a capacidade do Alto Comissário que está arruinando Moçambique, ouça os srs. Freire de Andrade e Massano de Amorim, homens que já nasceu colónia deram as suas provas administrativas.

Eles dirão, estamos absolutamente certos disso, que em cada dia de governo de Azevedo Coutinho, mais e mais se agravou a situação afilítica de Moçambique.

Os prejuízos do Estado, com a greve, já vão em cerca de 300.000

Entre as falsidades que Azevedo Coutinho tem despejado no ministério das colónias, avulta a da sua faina em pagar dívidas

Fez alguma dívida nova? Não. Pelo contrário, pensou em reconstruir, aumentando extraordinariamente as receitas da Colónia, não só remodelando o imposto indígena, como remodelando a contribuição comercial e obtendo que a Câmara de Minas do Transval passasse a pagar por cada indígena português ali entrado 20 «shillings», em vez de 13.

E no capítulo despesas? Foram reduzidos numerosos quadros, e só nisso a economia foi de cerca de 100.000 Libs.

Os benefícios desses 14 meses de administração reparadora e louvada por um técnico, está-os recolhendo agora esse nojento Azevedo Coutinho, que, mentiroso e empavonado, chama a si a glória daquilo que por outro foi feito, e ainda por cima torna os outros responsáveis pelos erros e esbanjamentos que só ele tem cometido.

Onde, porém, mais claramente se vê a duplicidade de Azevedo Coutinho nas mentiras que para o ministério das Colónias tem mandado sobre administração, é no seguinte:

Pelo encarregado do governo, deixado em Moçambique pelo dr. Brito Camacho, foi nomeada uma comissão encarregada de dar parecer sobre os materiais a adquirir, em Londres, pelo crédito de 3 milhões de esterlinas. Elaborado o relatório dessa comissão, foi este remetido para o ministério das Colónias ainda no tempo do mesmo encarregado do governo.

O governador que se seguiu e que assumiu as suas funções em 12 de Setembro de 1923, não teve conhecimento de tal assunto até 28 de Fevereiro de 1924. Nesse dia, porém, recebeu do ministério das Colónias um telegrama com o n.º 230, em que Azevedo Coutinho comunicava que o Conselho de Ministros, — sob sua proposta, — tinha sancionado o aproveitamento do crédito dos 3 milhões, na importância total de cerca de 3.000.000, recomendando-se no mesmo telegrama ao governador dr. Moreira da Fonseca, que inserisse no orçamento a verba correspondente a 15 %, devendo o pagamento total efectuar-se até 1927.

E agora?

Agora, Azevedo Coutinho, obrigado a pagar as dívidas que contraíu, mente para o ministério atribuindo-as ao seu antecessor, sem se lembrar que no mesmo ministério

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

TEATRO APOLO
Emp. Ruas
Tel. 11. 4923

HOJE O HOJE
MARTIN DO CALVÁRIO

ESPLÊNDIDA ENSCENAÇÃO
ARTÍSTICOS SCENARIOS

AMANHÃ—2 ESPECTACULOS 2

TEATRO AVEINHA
HOJE HOJE

O APETITOSO
Pão de Ló

Em ensaios o vaudeville
O DR. DA MULA RUÇA

Congresso abolicionista

Instituto Policlínico da Estefânia
Largo de D. Estefânia, 6, 1.º—Telef. N. 3435
CONSULTAS PARA AS CLASSES POBRES

Corpo clínico—Doentes:
A. de Almeida Rocha—Clínica geral—às 14 horas.
Antônio de Carvalho—Sifilis—às 11 h.
Berta de Moraes—Doenças das senhoras—às 13 h.
Carlos Guerra—Clínica médica, doenças de coração e pulmões—às 18 h.
Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Protese—às 10 h.
Fernando Waddington—Rolo X.

Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e fígado—às 12 h.
J. Pais Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h.
José Salazar Carreira—Doenças das crianças, gripe, ginecologia e massagem médica—às 12 h.
Pedro Roberto Chaves—Análises clínicas.
Teodoro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 10 h.

HOJE—Penúltimo espectáculo—HOJE

No Teatro do Ginásio
COM A
Banca à glória

Segunda-feira, 5, festa artística de SILVESTRE ALEGRIE
com o «vaudeville» **“O AZ”**

Em virtude de se ter agravado
o estado da ilustre actriz ESTER
LEÃO só para a se-
mana poderá
ser levada à scena
deste teatro
a peça
de
CHARLES MERÉ

Teatro Nacional
HOJE—A delicada comédia—HOJE
AMOR VENCE

A protagonista da linda comédia, por especial deferência para com a empresa e com o seu professor sr. António Pinheiro, será desempenhada pela sr. D. LEONOR DE ALMEIDA

A Dança da Meia Noite

Coliseu dos Recreios
HOJE às 21 horas HOJE

Abertura da época de verão
Estreia do célebre ilusionista
RAYMOND

O REI UNIVERSAL DOS MISTÉRIOS
O mais variado, mais imprevisível
e mais encantador dos
espectáculos

AS MIL E UMA NOITES
no palco do Coliseu

PREÇOS: Fauteuils, 7\$00; geral, 2\$50

Amãnhã matinee Bilhetes à venda

TIVOLI
Tel. 11. 8474
A'S 8 3/4
Penultima exhibição

Peregrinação portuguesa
a Lourdes e Roma no Ano Santo
Documentário em cinco partes
JOANA D'ARC

Super film histórico em 2 jornadas
Admirável realização da vida da
donzela de Orleans e um dos mais
curiosos esforços da cinematografia
americana em «films» de grande
espectáculo

UMA CINE-FARÇA
Amãnhã—«Matinée» às 3 horas

tério das Colónias está o telegrama n.º 230, de 28-2-924, a clamar alterosamente que a responsabilidade dessas dívidas, a que ele atribui o excessivo prêmio das transferências, lhe cabe inteiramente, visto que perante o conselho de ministros defendeu a aquisição de materiais desnecessários, no valor de £ 300.000.

Nada afirmamos sem provas. A Batalha diz desnecessários, e veja-se por esta amostra:

Para o hospital Miguel Bombarda, de Lourenço Marques, adquiriu-se uma caríssima instalação eléctrica, sem se lembrarem que, segundo o contrato existente com a companhia fornecedora de electricidade, era expressamente prohibida tal instalação. Daqui resultou que o governo teve de oferecer às circunscrições tal material.

Para o Caminho de Ferro de Moçambique, adquiriram-se máquinas que não só não podiam ser descarregadas no respectivo porto, mas ainda que de modo nenhum poderiam circular nas linhas construídas.

E tudo assim.
Quem é o culpado?
Azevedo Coutinho, só ele.

Em toda a sua administração não há um acto de economia. Não abriu uma única fonte de receita. Os seus antecessores procuraram avolumar as cambiais do Estado, reduzindo o prêmio de transferência ao mínimo; ele, responsável pelas dívidas do crédito de 3 milhões e da portaria n.º 18 que criou o Conselho de Câmbios, — é o único autor da situação tormentosa em que se debate Moçambique, com o prêmio das transferências (nominal) a 85 %, com o comércio, a indústria, a agricultura arruinadas, com a massa trabalhadora perseguida, encarcerada e suas famílias perecendo à fome.

Ele, roendo 2.190\$00 por dia, habitando um palácio, com 5 automóveis à ordem, rodeado de baionetas, mentido, espezinhandos, batendo palmas quando os operários honestos caminham pelas balas assassinas dos seus sicários.
Chegará o ajuste de contas...

“Raid” Cairo-Cabo

CABO, 2.—Os quatro aviões militares ingleses que tentam o «raid» Cairo-Cabo chegaram a Palapya-Road, a 160 quilómetros aproximadamente ao sudoeste de Bulawayo.

O reaparecimento de ‘O Mundo’

Como se sabe, o sr. Carlos Trilho intentou uma acção de dissolução de sociedade contra a Empresa Editora, ‘O Mundo’, e, como o código comercial permite, requereu o arrolamento dos bens da Sociedade. Por esta forma que as leis facultam, foi possível fechar as instalações de ‘O Mundo’. Isto causou surpresa por saber-se que o sr. Carlos Trilho só possuía em acções um capital de 15.000, e aparece com mais de duas mil. Afinal, acaba de se averiguar esta coisa formidável:—que o excedente pertence, única e exclusivamente, à União Sul Africana, ali colocados por intermédio dum colunista muito conhecido e tido como grande patriota.

O caso, que promete aspectos extraordinariamente ruidosos, encontra-se, segundo as nossas informações, devidamente comprovado.

Uma outra notícia podemos dar como certa aos leitores: o reaparecimento do jornal ‘O Mundo’ na próxima semana.

Um ‘record’ aéreo

PARIS, 2.—O avião Fonck está preparando com colaboração americana um voo sem escala de New-York a Paris.—(L.)

Violento incêndio

MANILA, 2.—Um violento incêndio destruiu 400 habitações construídas de bambus, deixando 3.000 pessoas sem casa.—(L.)

Um católico pelos ares...

ROMA, 2.—O arcebispo de Siracusa, Mgr. Carabelli, tomou lugar num hidroavião que, escoltado por outros três, voou até Augusta, onde fez o baptismo do novo porto-aéreo e de duas esquadras. O arcebispo regressou a Siracusa no mesmo aparelho.—H.

A expulsão de Farinacci

ROMA, 2.—Na reunião do directório nacional do partido fascista, o sr. Farinacci declarou que ia apresentar a sua demissão de secretário geral ao grande conselho, visto considerar cumprida a missão que lhe fora atribuída. O directório decidiu também demitir-se, por solidariedade.—H.

A navegação aérea

BALE, 2.—Vão ser entabuladas negociações com uma sociedade francesa de aviação para o estabelecimento de uma linha aérea de Paris a Bale, Zurich e Angora, a qual será inaugurada já em 15 de Abril se o governo suíço der a concessão.—H.

Uma manifestação comunista

VARSOVIA, 2.—Na pequena vila de Steym, na região dos Carpathos, houve algumas manifestações comunistas, do que resultou uma desordem, morrendo 4 pessoas e ficando feridas 12. As autoridades abriram um inquérito.—(H.)

As vítimas do capitalismo

LONDRES, 2.—Um centenas de operários sem trabalho percorreram o Hyde-Park, entoando a Internacional. Supondo-se que os manifestantes se dirigissem ao Parlamento, a polícia tomou precauções, tendo uma força dispersado à sabrada a manifestação.—H.

Continua trabalhando a comissão organizadora do primeiro congresso abolicionista (contra a prostituição regulamentada). Do plano elaborado pela referida comissão constam as seguintes teses: «Regulamentação da prostituição, Neo-regulamentarismo, Polícia feminina, Prostituição infantil, Coeducação como meio preventivo da prostituição, Costumes dissolutos e a prostituição, Casas de tolerância, Pornografia, Eugénica, Moral única, etc.», mas outras podem ser elaboradas desde que se subordinem às disposições do regulamento já elaborado. Recebem-se adesões e prestam-se esclarecimentos na sede da Liga Portuguesa Abolicionista, Praça dos Restauradores, n.º 13, 2.º.

AGREMIÇÕES VARIAS

Junta da Freguesia de Santa Catarina.—Reuniu esta junta que tomou as seguintes resoluções: Concorrer com o donativo de 250\$00 para a subscrição feita pela Comissão de Beneficência de 20 de Abril, que para comemorar a data da Separação da Igreja do Estado, se propõe vestir e calçar 200 crianças.

Resolveu também e por interesse dos seus parquianos officiar ao sr. presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa, no sentido de ser transferido o chafariz que está no Alto de Santa Catarina para a rua do mesmo nome em frente da Calçada de Castelo Branco Saraiva.

Junta da Freguesia de São José.—Esta junta comunica que as esmolas já anunciadas serão entregues na Cantina desta Freguesia, Rua Alves Correia, 191, amanhã, pelas 12 horas.

Avisa por este meio que tencionando distribuir vestuário às crianças de 7 a 10 anos mais necessitadas, no próximo dia 20 do corrente, a comemorar essa data, aceita requerimentos para tal fim até ao dia 6. Todos os requerimentos que forem entregues depois dessa data ficam sem efeito.

Na sua última reunião foi também deliberado o seguinte:

Protestar energicamente contra a propaganda a favor do fascismo, e mais uma vez contra a concessão de personalidade jurídica à Igreja.

A Favorita.—Organizado pelo Grupo dos 9 Mascotes, realiza-se hoje um deslumbrante baile à inglesa a terceiro «Jazz-Band», principando às 21,30 horas e terminando de madrugada.

Durante a noite a assistência será brindada com uma grande surpresa.

Reunião de empresários.—Reunem-se hoje, pelas 4,30 horas, em assembleia geral, os empresários portugueses a fim de tratarem de um assunto de grande interesse para a classe.

Por cortarem os cabelos

CALGARY, 2.—As autoridades do hospital que haviam despedido as enfermeiras por haverem cortado o cabelo à «Ninon», acabam de permitir a sua reintegração, sob condição de cada uma delas fazer o respectivo pedido. Tendo a maioria feito esse pedido, a ordem de expulsão foi revogada. Somente duas destas enfermeiras não beneficiaram desta medida de clemência, mas, ao que parece, por outros motivos diferentes do corte dos cabelos.—(R.)

Eficaz resistência contra os impostos

VERSALHES, 2.—Pela autoridade judicial e a requisição do Tesouro, devia ser posta em leilão a mobília penhorada dos esposos Kartman, residentes em Crosnes. O delegado do tesouro fez-se acompanhar pelo comissário de polícia de Versalhes, porém, um numeroso grupo de populares manifestaram-se tão violentamente que a mobília não pôde ser leiloadada, tendo os dois funcionários de se retirarem sem haver cumprido a sua missão.—H.

Congresso mundial russo

PARIS, 2.—Efectuar-se-á na presente semana, nesta cidade, um congresso mundial dos russos, sem distinção de partido e que se comporá de 400 delegados, aproximadamente, e terá a representação dos emigrados em todos os países. Este congresso pretende a organização de um centro russo, a elaboração de um programa nacionalista e anti-bolchevista.—H.

TEATRO MARIA VITORIA

AMANHÃ

Duas sessões—A'S 8 1/2 E 10 1/2

A MELHOR DE TODAS AS REVISTAS

FOOT-BALL

com todas as suas novidades

e sensacionais atractivos

Estreia da notável troupe

de Girls

ROBERTON'S GIRLS

directamente contratadas

em Inglaterra para este teatro

Hoje não há espectáculo

devido à solenidade do dia

A selvajaria dos homens civilizados

BOLAMA, 20 de Fevereiro.—Um caso revoltante, dos muitos que aqui se desenvolvem, se passou recentemente e em que ficou envolvido um dos deportados simplesmente porque lhe foi impossível conter a indignação de que estava possuído.

No dia 14, quando esse deportado se encontrava numa pensão, de que é proprietário o sr. Ferreira Neto, nesta cidade, reparou que dois cabos da marinha estavam um deles, vendo-se impotente para se desforçar com o colega, e como que atacado de um ataque epilético, espancou barbaramente um pobre negro que acidentalmente se encontrava no local. Esta scena foi presenciada pelo chefe e um sargento da policia, que se conservaram imóveis perante a agressão.

A vítima, vendo-se agredida sem motivo, munuiu-se de uma navalha com que pretendia defender-se, mas algum conseguiu desarmá-lo e pretendeu sanar a questão. Foi então que o chefe Custódio da policia, conhecido pelo sobrinho de galatão de cemitérios, juntamente com o sargento Rocha, desancaram selvaticamente o homem a cavalo marinho.

A este acto canibalístico, o deportado referido não pôde assistir sem protesto, dando largas à revolta que dele se apossara. Por este motivo, ao que parece, alguém pretende exercer represálias sobre o deportado. Propriamente o proprietário da pensão que é europeu se associou ao seu protesto e vai depor em abono dele.

O chefe da policia que intentou a queixa, acusa o deportado de ser usurio e veseiro e se intrometer no serviço da policia na metrópole.—E.

Realiza-se hoje o funeral da actriz Maria Alves

No Instituto de Medicina Legal, como noticiámos, realizou-se anteontem a autópsia da actriz Maria Alves, parecendo que os respectivos peritos concluíram que a morte foi causada por estrangulamento. No mesmo estabelecimento estiveram ontem a irmã, a mãe e a filha da infeliz artista. Ontem à tarde, procedeu-se à soladagem do caixão. O seu funeral a expensas de A. T. T. realiza-se hoje, saindo daquele Instituto pelas 16 horas para o cemitério dos Prazeres, onde o féretro ficará depositado em jazigo.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa dos Frangiteiros do Porto de Lisboa.—Reúne, hoje, pelas 20 horas, em 2.ª convocação, a assembleia geral.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração 24 de Agosto.—Hoje, baile até de madrugada.

Apesar dos terremotos...

TOQUIO, 2.—A comissão do orçamento do município de Toquio aprovou um largo crédito para a construção do metropolitano, esperando-se que o governo garanta o empréstimo a efectuar-se.—H.

SEMANA LAICA

Promovidas pela Associação do Registo Civil realizam-se na presente semana as seguintes sessões e conferências de livre pensamento:

Hoje: No Centro Republicano de Campo de Ourique: Oradores: Dr. Jaime Gouveia, Artur Moreira Liberal e dr. José de Macedo. Na Associação do Registo Civil: Sessão de encerramento: Oradores: dr. Albino Vieira da Rocha, dr. Orlando Marçal, Joaquim Maria Lopes Domingues, dr. Agostinho Fortes e capitão Camilo de Oliveira.

Como as explicações do presidente não satisfizessem os protestos da esquerda proseguiram ruidosos, pelo que o presidente se viu obrigado a encerrar a sessão.

Secção Telegráfica

Federações

CALÇADO, COUROS E PELES

S. U. do Porto.—Recebemos officio e vale. Segue expediente.

Júlio de Campos.—Recebemos officios. Vamos responder.

Penafiel.—Serafim Lopes: Tomamos conhecimento da vossa carta para o Comité do Norte. Vamos providenciar. Serás integralmente atendido logo que seja confirmada a tua comunicação.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Gouveia.—Recebemos officio e dinheiro.

SEMANA DA CRIANÇA

A Biblioteca Nacional, sede da comissão central da «Semana da Criança», continuam afluindo as adesões ao empreendimento da «Semana», tendo sido registadas, nos últimos dias, as da Junta Geral do Distrito, Conselho Central das Juntas de Freguesia, Escolas Normais de Lisboa e Coimbra, Sociedade «A Voz do Operário» e Núcleo Sentinela do Bem.

A comissão central começou já a expedir para todos os pontos do país as suas «instruções», extenso documento em que são expostos os objectivos da «Semana» e programa da mesma, sendo desenvolvidamente apontados os erros e inconvenientes notados o ano passado e que devem agora ser convenientemente corrigidos.

Aos ministros da Instrução e do Comércio já a comissão solicitou o auxilio do Estado para este largo empreendimento pedagógico, estando plenamente confiada que verá satisfeitas as suas solicitações.

O Núcleo de Educação e Beneficência, dando a sua entusiástica adesão ao interessante movimento de educação que a «Semana da Criança» representa, resolveu cooperar nele, no limite das suas possibilidades, assentando em realizar festas de confraternização infantil em que interessará as crianças da sua classe infantil de associados e promover, à noite, conferências sobre problemas de incontestável interesse para a educação e defesa da criança.

Visitas aos presos

No domingo de Páscoa, a visita aos presos, do Limoeiro, é geral para todas as prisões e inicia-se às 12 para terminar às 15 horas.

OS QUE MORREM

Libania Afonso Martins

Após prolongado sofrimento faleceu ontem com a idade de 75 anos a sr.ª D. Libania Afonso Martins Pinheiro, irmã do fiel da Câmara Municipal de Lisboa, sr. Jacob Afonso Martins Pinheiro. O funeral realiza-se hoje, às 16 horas, saindo o préstito da Rua dos Cordeiros, 50, 2.º, Esq.ª para o cemitério do Alto de São João.

Uma sessão tumultuosa na Câmara Municipal

Sob a presidência do sr. Augusto César de Magalhães Peixoto secretariado pelos srs. João Martins Casal e Júlio Silva, realizou-se ontem à noite a sessão ordinária da Câmara Municipal de Lisboa.

A certa altura o sr. Joaquim Domingues pergunta que vereador tinha sido chamado para substituir o sr. José de Abreu a quem na sessão anterior foram concedidos 90 dias de licença, e que fôra eleito pela lista da conjunção radical-esquerdista.

O presidente da Câmara responde que a chamada dos vereadores substituídos à electividade pela lei 621 era da competência do presidente da Comissão Executiva.

O sr. Joaquim Domingues pede ao sr. presidente para que lhe diga quem na lista de chamadas que se encontrava na mesa substitua o sr. José de Abreu.

O sr. presidente informa que era o sr. Emílio Braga.

O sr. Joaquim Domingues protesta energicamente, declarando que devia ter sido chamado um esquerdistas e não um democrático e que o acto praticado representava o ódio ao partido em que militava.

Não permitia que o partido a que pertencia fosse esbulhado de um vereador. Diz o orador que na Câmara nunca se procedera pela forma como se estava a proceder nem na vereação a que ele pertencia para com os socialistas, nem na anterior para com os monarchicos.

O orador acompanhado pelo sr. Sá Pereira e pelo sr. dr. António Aurélio protesta energicamente.

E como as explicações do presidente não satisfizessem os protestos da esquerda proseguiram ruidosos, pelo que o presidente se viu obrigado a encerrar a sessão.

A revolta dos drusos

BEYROUT, 2.—Foi ontem de manhã iniciada uma offensiva no Líbano meridional, que se desenvolve com exito. Os drusos, vigorosamente atacados, fogem abandonando numerosos cadáveres.—L.

IMPRENSA

«A Tarde»

Tendo sido adquirida pelo sr. dr. Artur Leitão a propriedade deste jornal, A Tarde não se publica hoje, reaparecendo na próxima segunda-feira sob a direcção do seu novo proprietário.

DESPORTOS

FUTEBOL

Furth e Vitória empatam por 1-1

Com grande assistência de público e com a comparência do elemento official, deu-se ontem em Palmhava o anunciado encontro entre o Vitória e o clube alemão Furth.

Desafio agradável de seguir em que se notou equilíbrio de jogo, muito rápido e entusiasta, embora durante os primeiros quarenta e cinco minutos se não houvesse registado a marcação de pontos.

O grupo alemão, bem constituído fisicamente, dispõe de boa técnica, muito superior ao Casuals, com poderoso domínio de bola, sendo adversário para dar que fazer aos nossos melhores grupos. Enferma do mesmo mal, porém, que os avançados portugueses no respeitante a falta de remate às redes. Construem as jogadas com grande brilho, sempre com uma boa colocação, mas os seus ataques morriam no trio defensivo do Vitória que teve ontem uma das suas melhores tardes.

Não correspondeu o ataque «setubalense» ao esforço despendido pelos seus companheiros de trás, e daí o não ter conseguido bater o adversário.

Ocasões ofereceram-se-lhe bastantes, desperdiçadas com lástima por João dos Santos e A. Martins, que por mais de uma vez atiraram para fora, mesmo à boca das redes.

Amobos pontos foram marcados na segunda metade. O primeiro, do Vitória, oportunamente apontado por Nazaré, extremo esquerdo. O segundo, minutos depois, pelo interior direito alemão, devido a um falhanço infeliz de Viegas.

O Vitória quando tivesse motivos para se mostrar inferior devido ao encontro da véspera, não o manifestou, actuando com grande mobilidade e pondo muito entusiasmo na luta. O quinteto avançado é que, muito lento, e disputando fracamente a bola, destacou dos restantes; o trio central João dos Santos, Cambalacho e A. Martins o menos produtivo.

Os meios sempre em jogo e bem; quer na obstrução ou no alimentar do ataque, notabilizando-se em especial, Anibal José e Matias Carlos. O trio da defesa muito seguro, despatchando bem e com oportunidade.

Do «Furth» dissemos já o suficiente para se poder aquilatar do seu valor. Muito homogêneo, com bom pontapé e grande domínio de bola, não é nada inferior aos melhores grupos que nos têm visitado. São leais embora usem do seu peso na disputa da bola ao adversário. Equivalem-se entre si o suficiente para não originar destaque pessoal, a não ser o médio centro, que entrou à segunda parte, em substituição do primeiro que se havia maguado, velho jogador que demonstrou possuir grandes conhecimentos, influenciando bastante com o seu trabalho para maior proficuidade no ataque alemão.

O empate ajusta-se bem ao jogo desenvolvido por ambas as «equipes», conquanto o marcador pudesse acusar maior número de pontos, que ambas perderam pelos motivos já descritos.

Ilídio Nogueira houve-se bem na sua missão de juiz de campo.

O «Casuals» vence o Benfica por 3-1

Mau jogo, péssimo árbitro e incorrecção do publico. Fraca história tem o encontro efectuado nas Amoreiras.

A primeira categoria do Benfica alinhando com os seus habituais componentes, deu-nos a impressão de ter ido para o campo de castigo forçado. Alhearam-se do jogo, com uma frieza e apatia que nada justificava. Conhecedores que o adversário lhes leva vantagem no jogo por alto, quanto mais batidos se viam nessas circunstâncias, maior era a sua teimosia em levantar a bola, proporcionando aos ingleses a facilidade de lhes desfazer os ataques. Para que se não destacassem entre si, todos mais ou menos cultivaram largamente o disparate e a asneira.

O «Casuals» com a linha de ataque modificada e outro elemento novo a médio centro apresentou-se melhorado. Mais rápido na condução do jogo, mas também muito mais duro e sobre tudo incorrecto. Rosamainho a arbitrar, tolerante em demasia e acompanhando mal o jogo, não puniu logo de início como devia, dando em resultado tornar-se impotente quando a violência se generalizou ao ponto de alguns homens do Benfica num espírito, pouco desportivo, de revanche, passaram a procurar o homem, de preferência à bola.

Não se praticou futebol ontem nas Amoreiras, ou antes observou-se um espectáculo vergonhoso que não dignifica nenhum dos contendores, originado pela complacência do árbitro que, desorientado, ao expulsar um jogador do «Casuals» permitiu até a sua substituição por um dos seus reservas.

Os ingleses marcaram as duas primeiras bolas na primeira parte, em fugidas pela ponta direita e em condições de não permitir defesa.

Na segunda parte, cada grupo marcou uma bola; a do Benfica primeiro, resultante de uma grande penalidade originada na defesa de um pontapé de canto dirigido às redes por Simões na recarga e transformado então por V. Hugo. A meio deste segundo tempo, numa saída em falso de F. Vieira consegue o «Casuals» o seu terceiro e último ponto.

De notável nada mais houve durante os noventa minutos de jogo a não ser um número indeterminado de faltas e por último a expulsão de V. Hugo do campo por indesejável, com o remate de várias scenas de pugilato entre o publico.

Operário Foot-Ball Club

No seu campo realiza amanhã, para disputa de 2 tags, dois desafios de foot-ball, às 14 e 16 horas, entre a 1.ª categoria,

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

O «Amor Vence»

Hoje, que no teatro Nacional reaparece a linda comédia o «Amor Vence» que saiu do cartaz em pleno êxito e onde agora há ocasião de ver no encantador papel de «Nelly», a sr.ª D. Leonor de Almeida, que obsequiosamente e por deferência ao seu professor António Pinheiro, vai representar a interessante protagonista. Os restantes papéis estão a cargo dos artistas que criaram a peça.

O último concerto Gui

Hoje, no teatro de São Carlos, realiza-se o último concerto do eminente maestro italiano Vittorio Gui. Do programa constam as seguintes obras musicais: «O Director de Teatro» (abertura), 1.ª audição, Mozart; «1.ª Sinfonia, de Brahms», 1.ª audição: «Pavana», de Ravel; «Serenata», de Costa Ferreira; «Dança», de Catalani, em 1.ª audição e «Vespers Sicilianas» (abertura), de Verdi.

Este programa, ansiosamente esperado, constitui um autêntico serão de arte a que não faltarão os amadores de boa música e como não é fácil tornarem a juntar-se os mais valiosos elementos musicais das orquestras sinfónicas dos maestros Fão e Bianchi, sob a regência de um tão categorizado maestro. É de prever que São Carlos tenha hoje uma concorrência como há muito tempo ali se não nota. A bilheteira ainda hoje está aberta para a venda de bilhetes.

A estreia de Raymond no Coliseu

Abre hoje no Coliseu dos Recreios a temporada de verão, com a estreia do célebre ilusionista Raymond, que há mais de dez anos não vinha a Portugal, onde fez então uma

AGENDA

CALENDÁRIO DE MARÇO

D.			11	18	25	HOJE O SOL											
S.			12	19	26	Aparece às 6,19											
T.			13	20	27	Desaparece às 19,1											
Q.			14	21	28	FASES DA LUA											
Q.	1		15	22	29	L.C. dia 28 às 0,17											
S.	2		16	23	30	L.M. " 2 " 20,50											
						L.N. " 12 " 12,56											

MARES DE HOJE

Pratamar às 5,51 e às 6,11
Baixamar às 11,21 e às 11,41

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	94\$75
Madrid cheque	2\$76	
Paris, cheque	\$69	
Suiza	3\$76,5	
Bruxelas cheque	\$74	
New York	19\$55	
Amsterdão	\$74	
Itália, cheque	\$79	
Brasil	2\$85	
Praga	\$58,5	
Suécia, cheque	\$52,5	
Austria, cheque	2\$76	
Berlim	4\$60	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Nacional.—As 21.—Amor vence.
Ginástico.—As 21,30.—Banco à glória.
São João.—As 21,30.—A Bayadere.
Lorenço.—As 21,30.—O Pão de Ló.
Marta Vitória.—As 20,30 e 22,30.—Foot-Ball.
Fidel.—As 21,30.—O Martir do Calvário.
Teatro das Artes.—As 20,30.—Animatógrafo.
Teatro 301.—As 21,30.—Variedades.
Cinema El Víctimo (à Graça).—Espectáculos às 3,30 e 5,30, sábados e domingos com emmeias.
Teatro Pádua.—Fódas as noites. Concertos e di. versões.
CINEMAS
Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Ter. rasse.—Ideal.—Arco Baudeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de organização tem dado lugar a q. d. ainda hoje se con. sumam em Portu. gal limas estran. geiras, visto que as limas nacio. nais, produzidas em Portugal, são de primeira qualidade e com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os pontos estabelecidos de ferragem do país.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 3\$40
Sapatos em verniz 3\$40
Botas pretas (grande salto) 4\$00
Botas brancas (pequeno) 3\$40
Grande salto de botas pretas 4\$00
Botas de couro para homem 4\$00
Não confunda a SOCIAL OPERARIA com esta casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 62.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5353

Medicina, cirurgia e pediatria.—Dr. Armando Narciso.—As 9 e 11 horas.
Cirurgia, operações.—Dr. Bernardo Vilas.—10 horas.
Fiebre e sífilis.—Dr. Correia Figueiredo.—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia.—Dr. R. Loli.—2 horas.
Doenças dos olhos.—Dr. Márcio de Matos.—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos.—Dr. Márcio Oliveira.—12 horas.
Enfermagem e injeções.—Dr. Mendes Belo.—5 horas.
Doenças das mulheres.—Dr. Emilio Paiva.—12 horas.
Tratamento de diabete.—Dr. Ernesto Rana.—3 horas.
Ecce e dentes.—Dr. Armando Lima.—10 h.
Cancro e rádio.—Dr. Cabral de Melo.—4 horas.
Raios X.—Dr. Azeite Salgado.—4 horas.
Análises.—Dr. Gabriela Beato.—4 horas.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista "Terra Livre" para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 1\$500.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.



Maleias de cabedal

0,27...	23\$00	0,36...	35\$00
0,30...	27\$00	0,39...	39\$00
0,33...	31\$00	0,42...	43\$00

QUER V. EX. SABER?

Onde se vendem camisas de cretone a 25\$00? e de popeline a 45\$00? E na Camisaria Nacional, Rossio, 93, 1.º onde também se encontram à venda magníficas meias de seda para senhora desde 8\$00, peúgas, gravatas e mais artigos.

Vendas directas ao público
Não revende

ANILINAS "JACOBUS"

De fabricação alemã
As melhores do mundo!

para tingir em casa toda a qualidade de tecidos e fazendas de seda, lã, algodão, rendas, cortinados, etc.

Únicos depositários gerais:

Sociedade de Produtos Químicos, Lda

Em Lisboa: Campo das Cebolas, 43, 1.º

No Porto: Rua 31 de Janeiro, 171, 1.º

Unguento de São Lázaro

Curta todas as doenças da pele e feridas, por mais antigas e rebeldes que sejam. Caixa 2\$50.

A venda na

FARMACIA PORTUGAL

216, RUA AUGUSTA, 216 — LISBOA

BICICLETAS CHANDLER e RALEIGH

Accessórios para todas as marcas

Armando Crespo & C.ª

218—Rua do Crucifixo—121 LISBOA

DONAS

Fabricante de lençóis inaugurou um novo Depósito de todas as qualidades de fazendas de lã, para VENDA DIRECTA AO PÚBLICO.

A pedido da sua numerosa Clientela

inaugurou a secção de alfaiataria, onde todo o

Cliente se poderá vestir pelos últimos

figurinos.

FATOS EM 24 HORAS

Estambres a 5\$500

Especialidade em estambres de cor e pretos

Encomem-se amosnas ao domicilio e provincia

Telefones N. 3300-5408

TEM ASCENSOR

Praca dos Restauradores, 13, 1.º Dt.ª

(Canta por cima da Relojaria, Suíça)

Direcção técnica de Guilherme de Almeida Barros

Tosses, Bronquites, Ronquidão,

Catarros, Gripe,

Curam-se rapidamente com

FLUXOL

(Karoze pectoral)

PREÇO 10\$00

A venda em todas as farmácias e drograrias

e no Depósito Geral—Farmácia Portugal

Rua Augusta, 218—LISBOA

Almanaque de "A Batalha"

192 páginas com muitas gravuras, preço

5\$00.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS

PLANTAS, livro util ás boas donas de

casas. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos à administração de A Batalha.

Armazens do Poço do Borratém

Dias, Gonçalves & Dias, Limit.ª

Abriu este novo estabelecimento com um belo sortido de:
Pano branco e crú, especialidade da nossa casa, atalhados, colchas, riscados, cotins, camisolas, assim como lençóis, camisaria e gravataria, retrosaria.

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

No vosso interesse visitai a nossa casa

37—Poço do Borratém—38

CONSULTAS MEDICAS

PARA AS CLASSES POBRES

Todos os dias, às 7 horas da tarde

FARMÁCIA SIMÕES

Rua Infante D. Henrique, 54

(a São Tomé)

Nova baixa de preços

2\$00 em quilo de manteiga

Compre o nosso tipo reclame a

14\$00 o quilo

Manteigaria Silva

301—R. dos Correiros—301

PRODUTOS ZÉDOL

Enviam-se catálogos grátis, ocultos

Pílulas virilogenas, o melhor

preparado para a fraqueza genital.

Pílulas Hemofilas, regularizador

das menstruações.

Ovaralgina, o melhor preparado

para as dores que acompanham a mens-

truação, de efeitos garantidos.

Pedidos ao depositário ANTONIO SILVA

Calçada de Santo André, 16

Desejam vender ou comprar ouro,

prata ou joias?

Preferiam as ourivesarias da firma

Morais & Gama

Rua da Betesga, 16

— E —

Ourivesaria da Estefânia

na Rua Pascoal de Melo, 132

onde, por preços com que ninguém pode

competir, poderão comprar ou vender

nas melhores condições de garantia.

Peixoto & Jardim, Lda

14, R. da Palma, 16

22, R. da Boa Vista, 22

TELEF. N. 5117

Ouro, Joias,

Pratas e Relógios

a preços de concorrência

Camisas para homem

Grande sortimento

A única casa que vende por estes preços

CAMISAS em bom pano branco crepe, lã, cor a 2\$00; Ditas em percal francês 2\$ col., 2\$25; Ditas em cretonne associada 2\$ col., 2\$40; Ditas em zefir inglês 2\$ col., 3\$00; Ditas em Popeline branco e creme 2\$ col., 3\$00; Ditas em Popeline superior, cores finas, 4\$00.

Fabrica Paris-R. do Norte, 83, 1.º

FABRICA

cladilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244—LISBOA —

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 5\$0.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão

Revisão



Deixemo-nos de ódios e de ambições e vamos à grande obra

As dissensões intestinas que há um tempo a esta data se vem acentuando entre as fileiras operárias, têm estabelecido no meu cérebro uma confusão de tal ordem, deixando-me assombrosamente pasmado ao contemplar as lutas de ódios e malquerenças que certos elementos, escravos do trabalho e vítimas da exploração capitalista, desencadeiam dentro das mesmas fileiras, lutas que apenas têm o condão de trazer funestas consequências para a causa trabalhadora, servindo ao mesmo tempo de gáudio às classes dominantes, que esfregam as mãos de contentamento ao verem a desarmónia que reina entre a organização proletária, única força que, fortemente unida, poderia conter em respeito as referidas classes.

Compreendendo perfeitamente que só da organização dos trabalhadores, unidos na mesma comunhão de ideias, poderá surgir a transformação social, implantando na terra o ideal sublime da redenção humana, não posso nem devo aceitar por princípio algum a acção perversa de desorganizar as massas produtoras, arrastando-as para um campo duvidoso, o que constitui, a meu ver, um crime de alta traição.

Sendo eu de medíocre inteligência e talvez uma figura apagada no meio operário, mas que de há muitos anos venho fazendo sinceramente a propaganda da causa associativa e da emancipação trabalhadora, lamento profundamente que um punhado de indivíduos que se dizem inteligentes e com um passado de afirmações revolucionárias, tenham esquecido por completo esse passado e essas afirmações, pretendendo destruir hoje abruptamente, o que ontem com consciência e amor ajudaram a edificar.

Quais foram, pois, as causas dessas dissensões?

Ouvi dizer algures que, entre outras coisas, os divisionistas alegam que no conselho confederal da C. G. T. eram tratados menos correctamente pelos seus componentes, os quais se tornaram autoritários, intratáveis, etc., etc.

Seria isso verdade? Não creio.

Julgo essas acusações infundadas, pois não posso acreditar que os camaradas que compunham o conselho, fossem tão maus ou tão estúpidos que levassem essa maldade e essa estupididade até ao ponto de criarem uma scisão dentro da central operária, prejudicando-a seriamente e reivindicando, para si, graves responsabilidades.

Mas ainda que assim tivesse sucedido, eu suponho que a verdadeira missão dos divergentes era conservar-se dentro da C. G. T. e demonstrarem às criaturas que por ventura se tivessem afastado do caminho do dever, que esse critério era erroneo e impróprio de camaradas, enfim, fazendo todo o possível para que as coisas se harmonisassem, e não houvesse que se lamentassem cenas desagradáveis, que só prejuízos trariam à organização.

Assim é que estava certo.

Mas, não. Não podia ter sido assim, porque a questão era muito outra e, quer queiram quer não, eu devo dizer claramente que a causa da scisão não é o que os dissidentes alegam, mas sim, e aí é que lhes dói—uma maneira alva e desassombrada como no conselho foram combatidos os seus objectivos políticos, visto estarem em contra posição com a acção sindicalista revolucionária, e consequentemente fora da lei estatutária da C. G. T.

Isto é o que me parece ser verdadeiro, e assim, a atitude nobre e assás significativa tomada pelo Conselho Confederal, deve ser elogiada por todos os trabalhadores conscientes, que não querem ver a central operária transformada em agremiação política.

Após a revolução russa, instituíram-se partidos comunistas em diversos países da Europa. Portugal não podia deixar de ser atacado pela febre macaqueadora e formou também o seu partido comunista, tendo à cabeça do seu respectivo programa, a revolução imediata.

Decorrem já alguns anos sobre a sua formação, e como a decadente revolução ainda está muito longínqua, o Partido Comunista vai empregando o tempo a espalhar na atmosfera os seus vapores políticos, os quais têm conseguido embriagar de certo modo um punhado de indivíduos que, estonteados, pretendem à viva força inocular esse bacilo peçonhento nas massas organizadas, envenenando-as. Felizmente a grande maioria ainda não está contaminada, e eu, sentindo-me regosijado com esse acontecimento, aproveito a ocasião para lembrar o seguinte:

Como em Portugal ainda não é um facto a ditadura do proletariado, todas as criaturas têm o direito de pensarem livremente e seguirem o ideal que muito bem quizerem.

Porém, no caso que vimos tratando, acho mais lógico e natural que aqueles operários que pensaram um dia em pôr de parte a ferramenta, e pela acção política subirem na escala social, entendendo que devem ingressar nos centros dessa especialidade, onde mais facilmente poderão alcançar o que desejam, vendo assim coroados de bom êxito os seus objectivos, mas nunca dividirem as classes trabalhadoras para conseguirem seus fins.

Posto isto, vou terminar apresentando esta humilde opinião.

Ora não seria mais útil e proveitoso para todos os que trabalham e sofrem os horrores da tirania burguesa, abolirem-se por completo essas lutas estereótipas e prejudiciais, unindo-nos todos como um só homem dentro dos nossos sindicatos, e estes na Confederação Geral de Trabalho, constituir uma forte barreira para se opor com eficácia à onda reaccionária que nos pretende avassalar? Não seria mais nobre e sublime, amarmos-nos mutuamente, procurando instruírmolos intelectualmente e tecnicamente para esarmos aptos a tomar conta dos destinos da sociedade dada a transformação social? Eu creio que sim.

Porisso, camaradas, vamos, mãos à obra e deixemo-nos de ódios, ambições e vaidades, que só trazem a ruína às classes trabalhadoras de que somos filhos, e que sómente pela sua sacrossanta causa devemos lutar.

Francisco Nunes SCHEIDECKER.

Da Federação Metalúrgica aos sindicatos da indústria do país

A comissão administrativa da Federação Metalúrgica, interpretando o sentir do conselho federal, vem por intermédio da presente «nota oficial» chamar a atenção dos sindicatos metalúrgicos do país para o cumprimento dos seguintes deveres de solidariedade:

1.º Prestar todo o apoio aos heróicos ferroviários de Lourenço Marques, em greve há cerca de cinco meses, por uma acção consciente que leve as autoridades a arrear caminho, isto de harmonia com o disposto na circular 55 da C. G. T.

2.º Protestar contra a tentativa de extradição de Paulo da Silva, que, ao abrigo do direito de asilo, se encontra refugiado em França. Para o cumprimento desta resolução os sindicatos metalúrgicos devem oficializar ao ministro da justiça de França e ao ministro de França em Portugal, protestando contra a referida extradição. Também devem promover-se sessões públicas de protesto.

A Federação Metalúrgica vai enviar aos sindicatos da indústria um apelo para que os seus militantes procurem interessar-se pelo seu desenvolvimento, de maneira a tornarem os respectivos organismos capazes de enfrentarem todas as arremetidas da reacção e do patronato. Este apelo tem ainda como objectivos, conseguir a realização do Congresso Metalúrgico o mais breve possível, o qual por razões especiais não pode realizar-se na data fixada: Abril do corrente ano.

3.º Terminar a sua «nota oficial» a comissão signatária faz votos para que a classe metalúrgica não se esqueça que não há direitos sem deveres. — A Comissão Administrativa.

O CONFLITO MARÍTIMO

Uma «nota oficial» da Federação da Indústria dos Transportes Marítimos e Fluviais

Da Federação da Indústria de Transportes Marítimos e Fluviais recebemos a «nota oficial» que a seguir publicamos:

«Tendo este organismo resolvido o conflito entre o Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra e a Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, a contento das duas partes, extranha esta Federação que os oficiais continuem em greve contra o pessoal, levando os armadores a declararem o «lock-out». Em virtude desta atitude encontrada já amarrados, despedidos os seus tripulantes, uma grande parte dos vapores portugueses, as classes atingidas vão refinar para apreciar as pretensões dos oficiais e deliberar o caminho a seguir.

Também refina pelo prazo de 20 horas, o conselho geral desta Federação para se ocupar deste assunto».

CRISE DE TRABALHO

Fechou uma fábrica de chapéus em Braga por os operários reclamarem contra uma extorsão

BRAGA, 1.º—Os operários chapéiros do industrial Vitor de Faria reclamaram há dias contra o pagamento dos defeitos nos chapéus, tendo para o efeito nomeado uma comissão que se avistou com o referido industrial.

Contra toda a expectativa o sr. Vitor Faria teve uma única atitude: encerrar a sua fábrica, lançando assim à fome dezenas de trabalhadores.

O Sindicato dos Chapéiros reuniu e apreciou o conflito, tendo tomado decisões importantes.—E.

Transferência de presos

Comunica-nos Manuel Viegas Carrascao, preso por delito social, que foi transferido para o grupo B, da cadeia do Limoeiro, onde pode ser visitado.

SOLIDARIEDADE

Pró-deportados de Lourenço Marques

Realiza-se hoje a festa de homenagem aos ferroviários deportados de Lourenço Marques, no Salão de Festas da Construção Civil, pelas 21 horas, com o programa seguinte: Conferência por Nogueira de Brito; representação do drama em 3 actos «Gatunos de Luva Branca» e da comédia em 1 acto «O Comissário é uma joia». Abre-lha o espectáculo um grupo musical.

CONFERÊNCIAS

Na Secção da Construção Civil do Alto da Pina, onde se encontra instalada a Secção da Universidade Popular Portuguesa, realizou-se ontem o dr. Câmara Reis a 3.ª conferência da série: «Questões morais e sociais na arte e na literatura».

Carestia da vida

Por lapso, numa local que ontem publicamos subordinada a este título, atribuiu-se à comissão administrativa do S. U. Metalúrgico a apreciação do que se está passando com a batata, quando tal comunicado era da autoria da comissão administrativa da Federação Metalúrgica.

EM INGLATERRA

O conflito mineiro...

LONDRES, 2.º—Na reunião conjunta de hoje, de proprietários e mineiros, serão pelos primeiros apresentadas as suas propostas para a solução da crise, propostas que os delegados mineiros levarão ao congresso da Federação em 9 de Abril. Depois de conhecidos os pontos de vista destes últimos, realizar-se-á uma nova reunião de proprietários e mineiros.—L.

...para estar em vias de solução

LONDRES, 2.º—Deu-se ontem um importante passo para a solução da crise atravessada pela indústria mineira, tendo os proprietários de minas convocados a conferência com os mineiros para hoje.—L.

Do comité pró-presos por questões sociais ao proletariado de todo o país

Hoje sábado, todos os trabalhadores deverão contribuir com uma quota parte do seu parco salário, para suavizar um pouco a aflitiva situação económica dos presos Sociais.

Este Comité que tem mantido aos mesmos um pequeno subsídio semanal, espera que os trabalhadores correspondam com a sua solidariedade monetária, a fim de que pelo menos esse subsídio, já que não seja aumentado não seja diminuído.

Para receber qualquer importância em contra-sena na sede deste Comité um dos seus componentes todos os dias das 19 às 23 horas.

CARTA DO PORTO

A Câmara Municipal vai contrair um empréstimo que sobrecarregará o custo da electricidade

PORTO, 2.º—Parece que vamos ter em breve alguma coisa divertida a propósito da «democrática-social» Câmara Municipal do Porto... Contra ela diz-se ir levantar uma forte oposição dos municípios—se, habilitados, se não conseguir estabelecer a paz... política entre as nuances partidárias em desalinho que ornem a actual municipalidade. Seja dito já que o lado vulnerável para o ataque é a história da electricidade...

O principal cavalo de batalha de que se serviu, no período eleitoral, a conjunção democrática-conservadora-socialista radical, foi a electrificação da administração da verificação esquerdista desbancada... Os serviços municipais da energia eléctrica e do seu poder iluminante—uma refinada pouca vergonha... O engenheiro-director era um devorador impetuoso dos lucros da electricidade: 100 contos por mês de mão beijada, fora as mãos rotas das fabulosas gratificações... Um horroroso esbanjamento de dinheiro a troco dum péssimo serviço pago com língua de palmo pelos consumidores, de electricidade avariada...

Os tempos, porém, são agora outros. A pesca na água turva das eleições, já terminou. Assim a triunfante maioria conjunção, não se lembra, ao que se diz, do que ruidosamente afirmara anteriormente, nem já sabe também quanto ganha o principal director dos serviços de electricidade—o «celebre» engenheiro Ezequiel de Campos...

E como *tout passe* após a «barcarola» das urnas, vá de pensar-se num insignificante empréstimo de 15.000 contos, para que a Câmara possa navegar com bastante água monetária, embora semelhante enchente maréfica vá sinistramente caudal o apavorante deficit que os democráticos-conservadores-socialistas-radicais afirmaram ter os esquerdistas deixado...

Mas o empréstimo de 15.000 contos tem de ficar mesmo reduzido a 6.000, porque a C. G. D. só cede esta pequena quantia e mediante condições rigorosas de iniludíveis garantias... A presente verificação municipal promete dar esperanças, à família dos municípios portugueses, de igualável administração dos dinheiros. Os 6.000 contos, é claro, são para a electricidade—talvez para cada habitante poder andar de lâmpada no nariz e não ir esbarrar-se contra as trincheiras que os trabalhadores da Câmara costumam abrir sem que, de noite mal iluminada, ponham qualquer luminoso sinal de alarme...

Há quem ande a dizer que assim não é vantagem nenhuma «governar-se» com muito dinheiro, embora emprestado... E há quem se lembre de levantar oposições, pavilhando as paredes de alarmantes prospectos, protestando contra o empréstimo ruinoso e alvorçando o espírito público para uma acção impeditiva da realização do empréstimo para a electricidade—por que ele não só não traz uma baixa imediata do preço da energia eléctrica, como impede o seu barateamento até ao ano de 1933, pelo menos... Para cujos benéficos efeitos, a cidade, os consumidores, têm de arrotar com uns 2.100 contos de juros expremidinhos...

Também se rosna entre os que bebem do fino, que a Câmara precisa, para levantar o tal empréstimo, uma determinada votação—parece que o mínimo de uma maioria de 13—que só a consegue com o auxílio dos radicais, a pesar dos democráticos terem tantos agregados conjuncionistas. Sendo assim, a «empastelada» maioria tem de nomear a minoria dominista, a única que foi à Câmara só com o seu próprio esforço.

Esta minoria aceitará o namoro com estas prováveis condições: readmissão nos seus empregos de todos aqueles «amigos» que foram colocados na Câmara por empenhos políticas metidas à transacção veragosa esquerdista... e demissões, por revindicta, pela maioria conjuncionista da presente edilidade... E' natural que as apontadas necessidades obriguem todos a uma reconciliação... emprestatória...

E terminará o barulho oposicionista, na forja, contra o empréstimo dos 6.000 contos? Eis o que vamos ver... C. V. S.

Ódios sectários

LEIPZIG, 2.º—Produziram-se várias colções entre comunistas e social-nacionalistas, por ocasião de uma manifestação anti-soviética organizada pelos últimos. Houve seis feridos, entre os quais um polícia.—H.

Os ferroviários de Lourenço Marques

O protesto dos rurais de Machede

A assembleia geral da Associação dos Rurais de Machede aprovou a seguinte moção: «Considerando: que os ferroviários de Lourenço Marques estão sendo vítimas de uma perseguição revoltante, apenas por se terem declarado em greve; que muitos desses ferroviários têm sido presos e deportados contra todas as normas do direito jurídico; que os restantes grevistas se encontram em luta desde 11 de Novembro, a pesar de todas as privações e todas as violências de que têm sido vítimas.

A assembleia dos trabalhadores rurais de Machede resolve:

1.º Telegrafar ao ministro das Colónias e presidente do Ministério protestando contra as violências e vexames de que têm sido vítimas por parte das autoridades dos ferroviários de Lourenço Marques.

2.º Reclamar a readmissão de todos os demitidos das linhas ferroviárias de Lourenço Marques.

O protesto operário

Em assembleia geral do Sindicato Metalúrgico foi aprovada a seguinte moção de protesto:

«Considerando que tendo o Alto Comissário em Moçambique, o democrático Azevedo Coutinho, procurado dum forma firme e libertária esmagar o justo movimento grevista levado a efeito contra a nova remodelação dos caminhos de ferro;

Considerando ainda que esse comissário, saltando por cima da constituição desta democrática república, fez deportar vários camaradas grevistas para a metrópole, assim como fez ressurgir o fantástico e infame vagon-fantasma, metendo-lhe dentro violentamente vários grevistas;

A assembleia geral resolve:

1.º Protestar contra o ignóbil procedimento do alto comissário em Moçambique para com os camaradas ferroviários grevistas, exigindo a sua imediata demissão.

2.º Protestar contra o vagon-fantasma e contra as deportações dos grevistas.

3.º Saudar entusiasticamente os grevistas ferroviários de Moçambique manifestando-lhes toda a sua solidariedade.

4.º Dar conhecimento desta resolução ao ministro das colónias.

—A comissão administrativa do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, resolveu oficializar ao ministro das Colónias, protestando contra as arbitrariedades do Alto Comissário de Moçambique, cometidas contra os ferroviários de Lourenço Marques.

Os vencimentos dos Bombeiros

A nossa redacção veio ontem um grupo de bombeiros municipais queixar-se-nos de que a Câmara Municipal ainda, até ao presente, lhes não mandou pagar o soldo da última quinzena.

Este protesto é sobremaneira justo, por partir dum corporação cujos serviços à causa pública são relevantes e que tão mal remunerados são.

Oxalá os impetrantes não bradem no deserto.

Contra a extradição de Paulo da Silva

Em assembleia geral do Sindicato Único Metalúrgico foi aprovada a seguinte moção de protesto contra a extradição de Paulo da Silva:

«Considerando que o governo português procura conseguir do governo francês a extradição de Paulo da Silva, que se encontra refugiado em França, saltando sobre as leis que dão asilo aos presos políticos e sociais, entregando-o por consequência à fúria da polícia de Ferreira do Amaral.

A assembleia geral da Classe Metalúrgica resolve:

Protestar enérgicamente contra a pretendida extradição de Paulo da Silva junto do ministro francês em Lisboa e do ministro dos estrangeiros.

Os trabalhadores rurais de Machede, reunidos na sua Associação de classe, aprovaram uma moção que concluiu assim:

«Protestar junto do ministro de França contra a pretendida extradição de Paulo da Silva para Portugal».

—A Comissão Administrativa do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, resolveu oficializar ao ministro da justiça do gabinete francês e ao representante diplomático da França em Portugal, protestando contra a pretendida extradição de Paulo da Silva.

NO SUL E SUESTE

Flagrante desumanidade dum inspector quasi analfabeto

BARREIRO, 2.º—Nos caminhos de Ferro do Sul e Sueste de há tempos a esta parte só predomina o arbitrio, o quero, posso e mando, sem respeito pela legislação e pelos regulamentos.

Cada um dos superiores opera segundo o seu critério, segundo a sua inteligência que muitas vezes, na sua maioria, deixa muito a desejar.

Deu-se agora um caso que bem demonstra a maldade e o nenhum respeito pelos subordinados, a quem tomam como escravos.

Um revisor de material teve a infelicidade de esperar um prego num pé quando na oficina trabalhava.

Em virtude do acidente dirigiu-se ao médico que lhe declarou necessitar de boletim de saúde, pois que tinha de receber umas injeções para evitar qualquer complicação.

Dirigiu-se o agente ao inspector do material circulante, a quem directamente está subordinado, a apresentar a resolução do facultativo, a fim de lhe ser fornecido boletim de acidente no trabalho.

Aquele inspector, analfabeto, (só no Sul e Sueste é que há disto), intratável, sem consciência do lugar que o obrigaram a ocupar pelo bôdo do Decreto 5605, negou-se a passar o boletim.

Tendo-se o referido revisor dirigido ao engenheiro este devolveu-o novamente ao inspector, sem solucionar o caso, o que deu motivo a que não lhe fosse passado o documento a que obriga a lei dos acidentes no trabalho, que estamos convictos desconhece por não saber lê-lo.

E estão os ferroviários sujeitos a serem constantemente prejudicados por estas individualidades sem noção alguma do lugar que ocupam e que por um concurso jámais atingiram um dos lugares mais infimos de encarregados, desde que lhes fosse exigido em prova escrita o que se exige a uma criança para passar à terceira classe da instrução elementar.—C.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de Campos dá consultas a todos os operários que se apresentem munidos da caderneta confederal.

PROPAGANDA SINDICAL

No Sindicato dos Rurais de Machede

MACHEDE, 29.º—Realizou-se na Associação dos Trabalhadores Rurais uma sessão de propaganda sindical, que foi presidida por José Lérias e secretariada por Agostinho Francisco Coelho e Inácio António.

Fizeram uso da palavra, enaltecendo as vantagens da associação de classe, José Dias, Manuel Lourenço e Joaquim Candieira. No final foram aprovadas três moções de protesto: contra a reacção fascista, contra as violências de que foram vítimas os ferroviários de Lourenço Marques, e contra a pretendida extradição de Paulo da Silva.—E.

PREVENÇÃO

O Sindicato da Indústria de Conservas de Peniche, ao tomar conhecimento de que a firma Costa & Costa, desta vila, despediu na pretérita semana três camaradas a quem dava a irrisória quantia de dez escudos por dia de trabalho e pretende contratar em Lagos alguns operários, previne todos os solidadores do país que não devem aceitar qualquer contrato para irem trabalhar para Peniche, em virtude de naquela vila haver solidadores desempregados.

Uma bela atitude de coerência do pessoal da fábrica Vicente Joaquim Esteves

A fim de esclarecermos a local que ontem sob esta epígrafe publicamos, procuramos o industrial de metalurgia sr. Vicente Joaquim Esteves para nos dizer que o não ter dado ontem trabalho ao seu pessoal não obedece a qualquer preconceito religioso, mas tão somente à necessidade de ordenar devidamente os trabalhos em trânsito, prevenindo uma possível crise que pode ocasionar diminuição futura de dias de trabalho.

Apenas houve um lapso que o sr. Vicente reconheceu: O pessoal que veio queixar-se-nos não foi, como devia ser informado dos motivos do descanso forçado; daí por certo, a estranheza e a queixa.

HORARIO DE TRABALHO

Sindicato da Construção Civil de Lisboa

Para apreciarem o desrespeito ao horário de trabalho por parte de alguns operários da construção civil reuniram em conjunto as seguintes células do Sindicato da Construção Civil: conselho administrativo, conselho de secções e comissões administrativas das secções profissionais e sindicais. Depois de discutido um trabalho do conselho administrativo do sindicato referente ao assunto, ficou resolvido que as comissões administrativas das secções enviem ao conselho administrativo do sindicato os nomes dos fiscais do horário de trabalho para os seus cartões serem legalizados.

AS GREVES

NO ESTRANGEIRO

Metalúrgicos parisienses

PARIS, 2.º—Um terço dos operários metalúrgicos declarou ontem a greve de meio dia, organizada pelo Sindicato Comunista. Não ocorreu o mínimo incidente.—L.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica — Conselho Federal — Na passada quinta-feira reuniu este conselho com a representação de novos sindicatos. Tomaram assento o delegado do S. U. Metalúrgico de Lisboa, que substituiu o falecido camarada Francisco Viana, e o delegado do Sindicato de Aljustrel, Manuel Pratas.

Aprecioso-se a atitude do Comité Metalúrgico do Norte e do Sindicato Metalúrgico do Porto, tendo, sobre o assunto, sido aprovada a seguinte proposta:

«O conselho ao tomar conhecimento dos esforços despendidos pelo Comité do Norte no sentido de unificar a família metalúrgica com tendência a desagregar-se em virtude da atitude de antigos militantes agora imbuídos de tendências políticas suspeitas, resolve:

1.º Saudar os camaradas militantes que se encontram à frente do Sindicato Metalúrgico do Porto e do Comité do Norte incitando-os a prosseguir na defesa dos princípios que animam os trabalhadores na luta contra o Estado e patronato.

2.º Que seja dado conhecimento público destas resoluções».

A seguir o conselho tomou conhecimento das circulares 55 e 56 da C. G. T., que tratam, respectivamente, da greve dos ferroviários de Lourenço Marques e da cota das mulheres e dos menores, tendo tomado as seguintes resoluções: quanto à greve dos ferroviários de Lourenço Marques, publicar uma «nota oficial» incitando os sindicatos aderentes a desenvolverem uma intensa agitação; acerca da cota das mulheres aguardar que os sindicatos se manifestem de harmonia com o espírito da aludida circular, prestando-se a Federação a fornecer os esclarecimentos necessários.

Apreciado um officio do «Socorro Vermelho» que trata da pretendida extradição de Paulo da Silva, foi aprovada a seguinte proposta:

«O conselho ao tomar conhecimento de um officio do «Socorro Vermelho» sobre a extradição, pedida pelas autoridades portuguesas de Portugal ao governo francês, de Paulo da Silva, resolve tomar em consideração o referido officio e oficializar ao ministro da França nesse sentido».

O conselho tomou ainda conhecimento de diversos assuntos e nomeou para os cargos vagos: João de Oliveira, tesoureiro; Manuel Pratas, vogal; Henrique Firme, delegado da C. G. T.

Empregados no Comércio e Indústria — Reuniu ontem a comissão administrativa, ocupando-se de assuntos de carácter interno, votando dois protestos que «v» publicados nas secções respectivas e aprovou 20 novos sócios.

S. U. Metalúrgico — Reuniu em assembleia geral, tendo aprovado um voto de sentimento pela morte do velho e denodado militante Francisco Viana. Foi nomeada a comissão revisora de contas que ficou constituída por Artur Cardoso, Américo Vilar e João de Oliveira. Para a comissão de melhoramentos: Eduardo Ortiz. Delegado à Federação: António Vicente. 1.º secretário da mesa da assembleia geral, Henrique Crisóstomo. Foi também nomeada uma outra comissão autónoma com o encargo de elaborar um regulamento para a biblioteca e promover conferências de carácter técnico e social que ficou constituída por José Rosa Júnior e Henrique Crisóstomo que ficaram com o encargo de agregar a si outro camarada. Foi resolvido que a vaga de continuo seja preenchida por um camarada metalúrgico.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Sindicato da Construção Civil. — Secção do Alto da Pina. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa juntamente com todos os fiscais do horário de trabalho da área.

Pelas 21 horas, os delegados nomeados para a comissão escolar.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto da Pina. — Para assuntos urgentes, pelas 20 horas, devendo assistir os camaradas indicados para a comissão administrativa da secção metalúrgica.

Profissionais de Imprensa. — Realiza-se na próxima terça-feira, pelas 17 horas, a assembleia geral ordinária deste Sindicato com a seguinte ordem de trabalhos: Discussão do contrato de trabalho jornalístico elaborado pela anterior direcção; Concessão da Carteira de Identidade do Profissional e codificação dos diplomas que lhe serão aplicáveis; Defesa da classe contra os que se oferecem para exercer a sua actividade nos jornais sem remuneração; Nomeação de delegados para representar o Sindicato em congressos e conferências internacionais; Destino a dar às antigas instalações do Sindicato.

Manufactureiros de Calçado. — Para apreciar a crise de trabalho, suas causas e consequências, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Fragateiros do Porto de Lisboa. — Para tratar do conflito com a casa Wizer, a assembleia geral, pelas 19 horas.

DIAS PROXIMOS

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Estuadores. — Reuniu na próxima terça-feira, a assembleia geral, para um assunto importante.

A esta assembleia devem assistir os camaradas fiscais do horário de trabalho.

Secção dos Pintores. — A comissão administrativa reúne na próxima terça-feira com a comparência dos fiscais do horário de trabalho.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Rurais de Machede. — Em reunião de assembleia geral foi apreciada a circular n.º 56 da C. G. T., ficando a comissão administrativa incumbida de informar a central dos sindicatos operários de que esta associação não tem associados nem mulheres nem menores. No entanto este organismo não concorda com a redução do preço da cota às mulheres e aos menores.

ARTIGOS ELECTRICOS